

**Descolonização da Mulher Brasileira: um convite para (re)pensar as representações
distorcidas de gênero e turismo no Norte Global**

**Decolonization of the Brazilian Woman: An invitation to rethink distorted
representations of gender and tourism in the Global North**

**Descolonización de la Mujer Brasileña: una invitación a repensar las representaciones
distorcionadas de género y turismo en el Norte Global**

Recebido: 02/08/2026 | Aceito: 08/09/2026 | Publicado: 08/09/2026

DOI: 10.21680/2675-8512.2026v9n1ID44963

Vanessa Jéssica Alves de Paula | ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4442-554X> | Centro
Universitário Internacional, UNINTER, Brasil | Programa de Extensão DEGECAR, Brasil |
<https://doi.org/10.13140/RG.2.2.25144.42248> | E-mail: essica47.2024@gmail.com

Marcello Vinicius Doria Calvosa | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2724-9431> |
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ, Brasil | Grupo de Pesquisas
GeCaPEP, Rio de Janeiro, Brasil | www.dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7765312712894655 |
Programa de Extensão DEGECAR, Brasil | <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.25144.42248> | E-
mail: mvcavlosa@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo do trabalho foi elaborar uma resenha crítica de um artigo científico publicado na Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. O estudo analisado adotou uma abordagem qualitativa com perspectiva pós-colonial, fundamentada na noção de subalternidade de Spivak, e rejeitou epistemologias positivistas para não reforçar a assimetria do Sul Global. Para a coleta de dados, foram realizadas 14 entrevistas em profundidade com mulheres brasileiras de 20 a 50 anos, com ensino superior, que tiveram experiências turísticas em países do Norte Global. O objetivo principal buscou analisar como essas turistas são subalternizadas por estrangeiros, investigando os mecanismos de silenciamento, estereotipagem e violência epistêmica que operam sobre elas. As principais conclusões indicaram que: (i) a subalternização ocorre por meio de estereótipos que as reduzem a representações fixas; (ii) no contexto eurocêntrico, essas mulheres não podem ser plenamente "mulheres" nem plenamente "brasileiras", pois sua nacionalidade e gênero as colocam em uma posição de inferioridade epistêmica; e (iii) o estudo

crítica a literatura de marketing e turismo por reproduzir abordagens hegemônicas do Norte Global, reforçando hierarquias coloniais, e defende a necessidade de descolonizar imaginários, discursos e modelos teóricos da área.

Palavras-chave: Subalternização Feminina; Violência Epistêmica; Esteriotipação da Mulher Brasileira.

Abstract

The aim of this paper was to produce a critical review of a scientific article published in the *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo* (a Brazilian journal of tourism and research). The study under review adopted a qualitative approach grounded in a postcolonial perspective, drawing on Spivak's notion of subalternity, and rejected positivist epistemologies so as not to reinforce the asymmetry experienced by the Global South. Data collection consisted of 14 in-depth interviews with Brazilian women between 20 and 50 years of age, all of whom held or were pursuing higher education degrees and had tourism-related experiences in Global North countries. The primary objective was to examine how these female tourists are subalternized by foreigners, by investigating the mechanisms of silencing, stereotyping, and epistemic violence that operate upon them. The main findings revealed that: (i) subalternization occurs through stereotypes that reduce these women to fixed representations; (ii) within a Eurocentric framework, these women can be neither fully "women" nor fully "Brazilian," as both their nationality and gender place them in a position of epistemic inferiority; and (iii) the study critiques the marketing and tourism literature for reproducing hegemonic approaches from the Global North, thereby reinforcing colonial hierarchies, and advocates for the need to decolonize the imaginaries, discourses, and theoretical models prevailing in the field.

Keywords: Subalternization of Women; Epistemic Violence; Stereotyping of Brazilian Women.

Resumen

El objetivo de este trabajo fue elaborar una reseña crítica de un artículo científico publicado en la *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo* (una revista brasileña de turismo e investigación científica). El estudio analizado adoptó un enfoque cualitativo con una perspectiva poscolonial, fundamentado en la noción de subalternidad de Spivak, y rechazó epistemologías positivistas para no reforzar la asimetría que experimenta el Sur Global. La recolección de datos consistió en 14 entrevistas en profundidad con mujeres brasileñas de entre 20 y 50 años de edad, todas

ellas con educación superior concluida o en curso, que tuvieron experiencias turísticas en países del Norte Global. El objetivo principal fue examinar cómo estas turistas son subalternizadas por extranjeros, investigando los mecanismos de silenciamiento, estereotipación y violencia epistémica que operan sobre ellas. Los principales hallazgos revelaron que: (i) la subalternización ocurre a través de estereotipos que reducen a estas mujeres a representaciones fijas; (ii) dentro de un marco eurocéntrico, estas mujeres no pueden ser plenamente "mujeres" ni plenamente "brasileñas", ya que tanto su nacionalidad como su género las sitúan en una posición de inferioridad epistémica; y (iii) el estudio critica la literatura de marketing y turismo por reproducir enfoques hegemónicos del Norte Global, reforzando así las jerarquías coloniales, y aboga por la necesidad de descolonizar los imaginarios, discursos y modelos teóricos que predominan en el campo.

Palabras clave: Subalternización Femenina; Violencia Epistémica; Estereotipación de la Mujer Brasileña.

Resenha da Obra:

CHEDID, Yasmin D’Almeida; HEMAIS, Marcus Wilcox. Subalternização de mulheres brasileiras em contextos de turismo: uma análise pós-colonial com base em Spivak. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [S. l.], v. 16, p. 2357, 2022. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2357>

Por que publicar resenhas? Resenhas são ótimos instrumentos científicos ágeis e analíticos para produzir, socializar e compartilhar materiais de estudo instrutivos para os ambientes acadêmicos e profissionais, destacando pontos principais de uma obra, economizando recursos de seus leitores. Uma resenha acadêmica e crítica visa interpretar uma publicação bibliográfica ou científica com o objetivo de gerar discussões, *insights*, ou mesmo, a decisão de consumo da própria obra original (Calvosa, 2022). A resenha em questão reforça como o turismo pode reproduzir hierarquias coloniais, revelando que mulheres brasileiras são submetidas a um processo de estereotipagem que as reduz a representações fixas (sensualidade, pobreza, exotismo), impedindo sua autorrepresentação enquanto sujeitos plurais, oferecendo aplicação organizacionais e acadêmicas para o tema.

A pesquisa primária identifica três formas concretas de subalternização (i) a desumanificação por meio de representações distorcidas, (ii) a violência psicológica e física, e (iii) o paradoxo do homem brasileiro como "salvador" que, ao proteger, também silencia, oferecendo um quadro analítico original para (re)pensar gênero e turismo. A subalternização

feminina é uma forma de colonialidade presente na organização social, no poder moderno, nas relações de gênero contemporâneas, na divisão do trabalho, na hierarquização dos corpos, e nas estruturas de saber, ser e poder da nossa sociedade (Quijano, 2000; Mignolo, 2009; Lugone, 2003; Spivak, 2010; Chedid; Hemais, 2022). A descolonização da mulher brasileira refere-se ao processo crítico de desconstruir as representações estereotipadas, exotificadas e subordinadas historicamente construídas sobre as mulheres do Brasil, representações essas herdadas do olhar colonial e perpetuadas por discursos midiáticos, turísticos, acadêmicos e culturais hegemônicos.

A obra original foi escrita por dois autores. A primeira, Yasmin D’Almeida Chedid, possui mestrado em Administração de Empresas pelo Instituto de Administração e Gerência - IAG da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio (Brasil). Atua como analista de produtos na empresa Icatu Seguros Rio de Janeiro (Brasil). Seus interesses de pesquisa incluem Pós-colonialismo, Decolonialismo e Negócios Internacionais. O segundo autor, Marcus Wilcox Hemais, é doutor em Administração de Empresas pelo Instituto Coppead de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (Brasil). Possui graduação em Administração e mestrado em Administração de Empresas pela PUC-Rio (Brasil). Atua como professor adjunto do Departamento de Administração da PUC-Rio. É bolsista PQ2 /CNPQ e Jovem Cientista do Nosso Estado pela Faperj. Suas pesquisas estão voltadas para temas como Decolonialismo, Pós-colonialismo e Consumerismo, com publicações em periódicos nacionais e internacionais sobre esses temas de estudo.

O artigo analisa como o imaginário de beleza e da sexualidade feminina ainda influencia o turismo, especialmente no que se refere à mulher brasileira, que sofre uma dupla subalternização: pelo patriarcado e pelo colonialismo. Para isso, utiliza-se a teoria de Gayatri Spivak sobre o pensamento pós-colonial e a ideia de subalternidade, que abarca grupos marginalizados (como mulheres, povos colonizados e pobres) que não têm voz dentro das estruturas de poder. A pesquisa analisa como esse fenômeno se manifesta no cotidiano, por meio de ideias e atitudes comuns e naturalizadas. Para uma melhor compreensão dos leitores, mostra-se necessário conceituar alguns termos-chave presentes no trabalho.

A subalternização feminina, conforme Spivak (2010), refere-se ao processo no qual as mulheres são colocadas em posições de menor poder e reconhecimento social, tendo suas vozes e oportunidades limitadas por desigualdades de gênero, classe e raça. No contexto do turismo, essa condição se manifesta na concentração em trabalhos precarizados, com baixos salários e pouca estabilidade, além da reduzida presença em espaços de decisão. Isso aponta que, embora

participem ativamente do setor, nem sempre têm acesso às mesmas condições de valorização e autonomia. Nesse cenário, essa realidade se relaciona com a violência epistêmica, entendida como o processo que silencia ou desvaloriza os saberes e as experiências das mulheres, contribuindo para a exclusão de grupos subalternizados dos espaços de produção de saberes e de tomada de decisão (Spivak, 2010). Ou seja, configura-se como violência epistêmica o ato de ignorar ou desacreditar o relato de vivência de uma mulher, ou ainda, quando apenas opiniões masculinas são consideradas legítimas em debates ou pesquisas.

Outro conceito relevante é a estereotipação da mulher brasileira que, na perspectiva de Lugones (2010), ocorre quando todas são vistas da mesma forma, a partir de ideias preconcebidas. Isso se manifesta quando estrangeiros associam as mulheres brasileiras à sensualidade, à exotização e à submissão, reduzindo a diversidade de suas vivências. Consequentemente, reforçam-se desigualdades de gênero e percepções simplificadas sobre o papel da mulher na sociedade e nas organizações. A articulação desses conceitos permite compreender como as desigualdades de gênero se manifestam e se perpetuam, a princípio no contexto do turismo, mas, por extensão, na sociedade brasileira como um todo.

A obra original divide-se em cinco seções. A primeira, a Introdução, contextualiza o crescimento do turismo brasileiro e mostra como a imagem da mulher brasileira foi historicamente associada à sensualidade, destacando o papel do marketing turístico nessa construção. Além disso, apresenta o problema central do estudo: a subalternização das mulheres no exterior.

A seção seguinte, Subalternidade segundo Gayatri Spivak, desenvolve o referencial teórico, explicando o conceito de subalterno como um sujeito silenciado e criticando a produção de conhecimento ocidental que fala pelo “outro”. O texto ainda aprofunda essa discussão do sujeito feminino subalterno ao mostrar a dupla opressão à qual as mulheres podem ser submetidas - patriarcado combinado ao colonialismo, destacando a consequente ausência de voz e a reprodução de estereótipos. Nesse sentido, mostra-se oportuno definir patriarcado como um modelo social no qual os homens ocupam posições de maior poder e autoridade, enquanto as mulheres ficam em posições de menor destaque. Por sua vez, o colonialismo é entendido como um processo histórico em que um país domina outro, explorando seus recursos e impondo sua cultura, valores e formas de organização. Nesse cenário, a cultura do país dominante é vista como superior, enquanto a do povo colonizado é marginalizada (Hemais, 2025).

A seção de Procedimentos Metodológicos descreve a abordagem qualitativa de base pós-colonial, detalhando as entrevistas com 14 mulheres brasileiras e justificando a escolha

metodológica alinhada à teoria de Spivak (2010), que em linhas gerais descreve a condição de sujeitos sem voz nos discursos dominantes. A seção também evidencia a valorização das experiências individuais como forma de compreender as relações de poder e as situações de subalternização vivenciadas, contribuindo para a profundidade e consistência da análise proposta.

Já na seção de Análise dos Dados, o artigo apresenta os resultados organizados em categorias, tais como as reações dos estrangeiros (simpatia, surpresa e agressividade) e os mecanismos de subalternização (estereótipos, violência e dependência masculina). A análise expõe formas de subalternização, como a estereotipação, a objetificação e a sexualização das mulheres brasileiras. Além disso, destaca a influência de construções sociais e históricas nessas percepções, bem como situações em que a presença masculina altera, para melhor, o tratamento recebido. Os dados foram analisados em duas etapas: (i) codificação em 60 códigos temáticos e (ii) comparação dos relatos para identificar semelhanças e diferenças, resultando em 4 categorias analíticas: respostas dos estrangeiros à "brasilidade", a mulher brasileira como "representação", violência psicológica/física e o homem brasileiro como "salvador" que também silencia. Dessa forma, a seção contribui para uma compreensão crítica das experiências relatadas, articulando teoria e dados empíricos.

Por fim, as Considerações Finais reforçam que as mulheres brasileiras são silenciadas e objetificadas no turismo internacional, defendendo a necessidade de dar voz a esses sujeitos e de repensar discursos hegemônicos. A seção retoma os principais achados, evidenciando como os estereótipos ainda influenciam a forma como essas mulheres são percebidas no exterior. Ademais, destaca a importância de questionar essas representações e promover uma visão mais crítica e inclusiva, contribuindo, assim, para o avanço das discussões sobre gênero e subalternidade. A obra original não traz nenhum elemento gráfico.

No ambiente de trabalho, a pesquisa apresentada no artigo pode ser aplicada principalmente nas áreas de Turismo, Marketing, Gestão de Pessoas e Mercado Digital. Empresas contemporâneas de mercado, atentas às demandas sociais e decoloniais, devem combater estereótipos e preconceitos, incentivando as relações sociais e profissionais (Hemais; Rodrigues, 2023; Queiroz *et al.*, 2026). Como combater estereótipos segundo a visão decolonial, em um ambiente organizacional? A teoria decolonial oferece estratégias de enfrentamento que vão além da simples "desconstrução" discursiva, propondo uma ruptura estrutural com as lógicas coloniais que produzem e sustentam os estereótipos. Em um ambiente organizacional, muitas vezes, a ruptura estrutural tende a não ser aceita e revalidada por todos

os *stakeholders* (Calvosa, 2021), o que pode gerar episódios contraproducentes e causar prejuízos coletivos e sociais. Em casos mais graves, esse cenário pode levar até mesmo à estagnação ou ao fechamento da organização. Isso, por um lado, romperia com os estereótipos estabelecidos, mas, por outro, não permitiria que a organização continuasse produtiva, longa e ativa, evitando que o problema fosse combatido.

Uma alternativa, de modo progressivo, pode ser reforçar uma postura ética organizacional. A ética em uma organização é o julgamento coletivo sobre as ações de colaboradores associados a uma instituição, na qual são considerados elementos essenciais, tais como: ação, intenção e circunstâncias. Essa ética é verificada nas tomadas de decisão a partir do que é comunicado, compreendido, aplicado e reforçado na organização inteira (Calvosa, 2010). Além disso, deve-se estimular que os colaboradores saibam aplicar práticas inclusivas e respeitadas dentro do ambiente de trabalho, além de desenvolver uma visão atenta a possíveis exclusões e discriminações existentes, como a estereotipação cultural, social e principalmente de gênero, que estão arraigadas na sociedade desde os tempos antigos. Dominar esse tipo de tema pode contribuir para o aumento da empregabilidade dos estudantes universitários, visto que o mercado de trabalho atual valoriza candidatos que possuam pensamento crítico e tenham uma visão social contemplativa (Predes Junior *et al.*, 2025; Sampaio Martins, 2022).

Chedid e Hemaïs (2022) incentivam que as pessoas tenham empatia diante de situações de discriminação e desigualdade, o que reforça o papel de gestores e líderes em se comprometerem com o desenvolvimento de competências nos colaboradores e demais *stakeholders* para identificar e combater estereótipos e práticas discriminatórias no ambiente de trabalho, visando promover equipes mais inclusivas, e construir uma cultura organizacional que valorize a diversidade e o respeito às diferenças (Correia *et al.*, 2010; Ossola *et al.*, 2020).

Determinadas situações podem parecer antiéticas, mas não serem ilegais. Embora o conceito seja mais aplicado às organizações, qualquer cidadão, mesmo em formação, como os estudantes no ambiente acadêmico, pode fazer uma espécie de “experimento mental” para antecipar possíveis consequências de suas ações, como forma de se adaptar melhor aos conceitos decoloniais, agindo de forma ética, rejeitando exclusões, discriminações e estereotipações. Algumas perguntas podem ajudar os indivíduos a tomar decisões éticas: (i) A ação que vou tomar é arbitrária, ou extravagante ou discrimina injustamente um indivíduo ou grupo?; (ii) Estou pensando apenas no retorno pessoal (ou financeiro) em detrimento do benefício coletivo?; (iii) A ação que vou tomar viola os direitos morais ou legais de algum indivíduo ou grupo?; (vi) A ação que vou tomar conforma-se a padrões morais aceitos?; (v) Há

caminhos alternativos que apresentem menor probabilidade de causar danos reais ou potenciais? Quando as respostas a essas questões sugerirem que um curso de ação não é ético, ela deve ser reavaliada para evitar esses problemas. Esse tipo de “treinamento”, que na verdade é um desenvolvimento ético, pode ser útil para situações futuras em processos seletivos, no ambiente organizacional, no ambiente acadêmico e no convívio em sociedade (Nascimento *et al.*, 2025; Souza *et al.*, 2025; Calvosa, 2010).

A pesquisa apresentada no artigo (Chedid; Hemais, 2022) possui relevância no ambiente acadêmico, pois estimula os estudantes a desenvolverem uma visão crítica e reflexiva sobre preconceito, valorização das diferentes culturas, experiências de vida e saberes, desigualdade e representação social, em situações que envolvem toda a comunidade acadêmica em seu convívio universitário (Menezes *et al.*, 2025). Essa visão permite que fomentadores, entre facilitadores, educadores e gestores na área de educação, sugiram, apoiem e coordenem projetos de extensão que retratem e destaquem temas decoloniais, como os abordados no trabalho original, envolvendo: a estereotipação da mulher brasileira; a violência epistêmica; a subalternização feminina ou de outros grupos e minorias historicamente marginalizadas, com o objetivo de ajudar a combater o preconceito, aproximar o ensino desse tema atual e necessário à sociedade, por meio da transformação mútua social, do intercâmbio de saberes, e da aplicação acadêmica do conhecimento de forma prática (Fortunato *et al.*, 2025; Ornelas *et al.*, 2025).

O artigo original pode ser usado em cursos de extensão, no ensino de graduação e de pós-graduação, como material bibliográfico complementar relevante de apoio e de reflexão (Queiroz *et al.*, 2020). O objetivo é impactar os participantes e criar uma experiência sobre temas contemporâneos e necessários à sociedade, tais como os estudos sobre gênero, turismo, Decolonialismo, e estereotipação cultural, a fim de trazer mais consciência e preparo estudantil. Embora o artigo traga uma discussão notável sobre a subalternização de mulheres brasileiras no turismo internacional, um ponto considerável que poderia ser mais aprofundado é a origem histórica da discriminação e da inferiorização da mulher. Embora, opinemos que esse recorte não tenha sido o alvo desse estudo, uma sugestão de pesquisas futuras poderia contemplar qual foi o ponto de partida histórico para que o papel da mulher na sociedade ou na igualdade de gênero fosse distorcido ou imbuído de preconceitos danosos que se estenderam por diversas culturas.

Ao revisitar a literatura ampla sobre o tema, uma publicação que se dispõe a elucidar esse ponto é um artigo de magazine da revista A Sentinela, publicado pelas Testemunhas de Jeová, que explica que a distorção do conceito sobre as mulheres começou com a influência da

cultura grega no judaísmo por volta do século IV a.C, o qual pregava que as mulheres eram culpadas de pecado sexual e, por isso, deveriam ser submetidas à dominação de seus companheiros (Deus realmente se importa com as mulheres?, 2012, p. 4). Esse conceito intolerante e segregacionista foi equivocadamente atribuído aos ensinamentos bíblicos, o que deu origem a grande parte da discriminação e da inferiorização da mulher na atualidade, resultando na sua subalternização. Segundo essa publicação, são cerca de 1.600 anos de deturpação e falseamento que culminaram em assimilações culturais e sociais. Esses preconceitos foram alimentados por tradições que se tornariam arraigadas, criando a ideia de que as mulheres podem ser usadas, em vez de amadas, e exploradas, em vez de protegidas.

Um legado da pesquisa foi ter mostrado que o turismo, um destacado setor comercial, precisa da implantação de uma visão decolonial para combater a desvalorização cultural e de gênero, promovendo relações mais éticas e respeitadas entre turistas de diversos povos e combatendo seus respectivos estereótipos. Outra contribuição reside no registro, em forma de denúncia acadêmica, de que as mulheres brasileiras relatam suas experiências reais de preconceito e estereotipação vividas no exterior para que nós, enquanto sociedade, acolhamos as suas vozes e os seus sentimentos (Chedid; Hemaís, 2022).

Spivak (2010) aponta que indivíduos subalternizados têm dificuldade de se fazer escutar. Eles são, no máximo, na maioria das vezes, apenas representados. Essa representação já o discrimina, pois nesse caso, é como se não soubessem falar por si só. A autora traz o exemplo das viúvas na Índia que passam por uma relação de poder, especialmente no espaço de fala. Spivak (2010) aponta que um dos papéis dos intelectuais é justamente criar espaços de fala para que essas pessoas possam falar. Com base nisso, como podemos promover esses “espaços de fala” para as mulheres e grupos minoritários nas organizações e no meio acadêmico, em vez de tentar definir quais são os seus desejos, suas necessidades e prioridades, mesmo que imbuídos de um olhar complacente, mas distante de suas realidades e vivências? Caso contrário, algumas vezes de forma inconsciente, outras não, podemos reproduzir os meios e os fins dos instrumentos das relações de poder colonial, que diminuem ou apagam identidades e simbolismos, moldam práticas sociais, e afetam visões de mundo e comportamentos sociais (Garrido *et al.*, 2025).

Sendo assim, o trabalho original e sua resenha crítica contribuem para auxiliar a descolonizar o campo do marketing e do turismo, ao criticar a reprodução acrítica de modelos do Norte Global e ao reivindicar o Sul Global como produtor legítimo de epistemologias, e não apenas como objeto de estudo. O estudo cria espaços de fala e escuta para as mulheres

subalternizadas, alinhando-se à proposta de Spivak (2010) de que o papel do intelectual não é falar pelo outro, mas abrir caminhos para que esses sujeitos possam articular suas próprias vozes, como forma de contribuição tanto acadêmica quanto política.

Pode-se constatar as contribuições teóricas do trabalho de Chedid e Hemais (2022). As duas principais são: (i) a aplicação e a extensão do conceito de subalternidade da teoria pós-colonial de Gayatri Spivak ao contexto do turismo, identificando três formas específicas de subalternização vividas por mulheres brasileiras no Norte Global; e (ii) a exposição da cumplicidade da literatura de marketing com a colonialidade do saber, apontando que a literatura hegemônica de marketing e turismo parece ser epistemicamente cúmplice da subalternização. O trabalho também traz contribuições práticas para o tema: (i) a criação metodológica de espaços de fala e escuta para mulheres subalternizadas, a partir de entrevistas em profundidade com 14 brasileiras, guiadas pela proposta spivakiana de não falar pelo outro, mas sim criar aberturas para que ele fale e seja ouvido; e (ii) uma agenda de descolonização das práticas de promoção e comunicação turística, ao oferecer diretrizes práticas para reformular, questionar e repensar modelos e conteúdos de marketing produzidos pelo Norte Global e simplesmente replicados no Sul, como políticas de marketing turístico.

Sugere-se, como proposta de novas pesquisas, que parte da metodologia do estudo, no que diz respeito à subalternização feminina, à violência epistemológica e à estereotipação da mulher, seja aplicada em outros contextos, como o ambiente organizacional ou o ambiente acadêmico da graduação e da pós-graduação, com amostras representativas, e que os resultados sejam comparados com a pesquisa original. A pesquisa também pode ser usada como base para cursos de extensão voltados à comunidade acadêmica. Além disso, as sugestões anteriores podem servir de base para a formulação de TCCs, dissertações de mestrado e teses de doutorado, estreitando o contato dos interessados com os autores da pesquisa original: Yasmin D’Almeida Chedid e Marcus Wilcox Hemais. Dessa forma, essas sugestões se constituem como contribuições práticas desta resenha, permitindo que futuras pesquisas possam desenvolver ainda mais o tema e gerar insights sobre as particularidades da subalternização feminina em cada ambiente.

O conteúdo abordado agrega valor para os alunos do ensino superior, pois prepara os discentes para lidar com a diversidade, desenvolve o pensamento crítico e os auxilia para tomar decisões éticas nos ambientes acadêmico e profissional, e como futuro gestores (Boas *et al.*, 2025; Martins, 2024). Ao aplicar tais conhecimentos, os estudantes e futuros profissionais

estarão aptos a compreender questões relacionadas à cultura e à diversidade que podem trazer impactos em suas vidas e na vida de outras pessoas (Melo Franco *et al.*, 2023).

AGRADECIMENTOS

Ao Grupo de Pesquisas GeCaPEP (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/372470>) e ao Programa de Extensão DEGECAR (<https://doi.org/10.13140/RG.2.2.25144.42248>) por todo o apoio na idealização, no desenvolvimento e na publicação desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BOAS, A. *et al.* The Potential of Leadership: differences between mental models of leadership in the 20th and 21st centuries. **Human Resource Management**, v. 20, n. 1, 2023. <https://doi.org/10.5772/intechopen.1002385>

CALVOSA, M. **O que é uma Resenha Acadêmica e Crítica? Oportunidades de Capacitação e de Desenvolvimento Acadêmico.** In: III Seminário Virtual de Liderança e Gestão - Evento NEPE do Programa de Extensão DEGECAR, UFRRJ, On-line. Dez.2022.

CALVOSA, M. **Liderança Empresarial e Estratégica.** Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2021.

CALVOSA, M. **Gerência de Vendas: o ambiente organizacional.** Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

CHEDID, Y.; HEMAIS, M. Subalternização de mulheres brasileiras em contextos de turismo: uma análise pós-colonial com base em Spivak. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [S. l.], v. 16, p. 2357, 2022. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2357>

CORREIA, F. *et al.* Trocas Intertemporais: do total comprometimento à independência do seguidor em relação ao líder. **Revista Ramal de Ideias**, v. 3, 2010.

Deus realmente se importa com as mulheres? **A Sentinela.** Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania, (Set, 2012), pp .4-8. <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2012642>

FORTUNATO, W. *et al.* Deu Match: Tecnologias e Desenvolvimento Acadêmico na Percepção de Estudantes de Administração da Modalidade EaD em um Projeto de Extensão. **EaD em Foco**, v. 15, n. 1, p. e2492, 2025. <https://doi.org/10.18264/eadf.v15i1.2492>

GARRIDO, J. *et al.* Linguistic Imperialism and Coloniality of Power in Administration: an analysis of advertising. **REVES - Revista Relações Sociais**, v. 9, n. 1, p. 23357, 2026. <https://doi.org/10.18540/revesv9iss1pp23357>

HEMAIS, M. In favor of decolonialism from Latin America in decolonizing Marketing: a commentary. **Consumption Markets & Culture**, v. 28, n. 3, p. 1-13, 2025. <https://doi.org/10.1080/10253866.2025.2560896>

HEMAIS, M.; RODRIGUES, L. Is consumerism only what Philip Kotler says it is? A decolonial analysis on failures, hierarchies, and exclusions. **Journal of Marketing Management**, v. 39, n. 9, pp. 756–781, 2023. <https://doi.org/10.1080/0267257X.2023.2211592>

LUGONES, M. Toward a decolonial feminism. **Hypatia**, v. 25, n. 4, p. 742-759, 2010. <https://doi.org/10.1111/j.1527-2001.2010.01137.x>.

LUGONES, M. **Pilgrimages/Peregrinajes: Theorizing Coalition Against Multiple Oppressions**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2003.

NASCIMENTO, D. *et al.* M. Transpor Descobertas Científicas em Práticas Comunitárias: repensando o papel estratégico das universidades. **FACEF-Pesquisa-Desenvolvimento e Gestão**, v. 28, n. 3, 2025. <http://dx.doi.org/10.29327/2681802.28.3-4>

MARTINS, A. Learning Analytics Aplicada às Áreas Pedagógica e Educacional: verificação do aumento da motivação e do desempenho acadêmico em alunos do nível superior. **South American Development Society Journal**, v. 10, n. 28, 2024. <https://doi.org/10.24325/issn.2446-5763.v10i28r1>

MELO FRANCO, I. *et al.* What are the Expectations of Business Administration Students for Building a Career? **Journal of Business and Management - IOSR-JBM**, v. 25, p. 9, 2023.

MIGNOLO, W. “Epistemic Disobedience, Independent Thought and De-colonial Freedom”. **Theory, Culture & Society**, v. 26, n. 7-8, 2009.

MENEZES, A. *et al.* Os Efeitos Positivos em Estudantes Universitários da Aprendizagem Baseada em Projetos. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, v. 2, n. 35, 2025. <https://doi.org/10.46906/caos.n35.74465.p191-199>

ORNELAS, M. *et al.* É Possível a Adoção da Liderança Transformacional na Gestão de Instituições de Ensino Superior? **Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão em Gestão**, v. 8, n. 1, 2025.

OSSOLA, L. *et al.* **Cultura e Agilidade Organizacional**: Apresentação de um modelo de gestão aplicado a ambientes dinâmicos. *In*: XVII SEGET - Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2020.

PREDES JUNIOR, A. *et al.* Desafios entre Estudantes de Graduação: adaptabilidade profissional e busca pela autoestima. **Revista UFG**, Goiânia, v. 24, n. 30, 2025.

QUEIROZ, A. *et al.* Contextualizing Consumerism and Marketing in Light of Decolonial Thought. **REVES - Revista Relações Sociais**, v. 9, n. 1, p. 23361, 2026. <https://doi.org/10.18540/revesv19iss1pp23361>

QUEIROZ, A. de *et al.* **Relato Técnico sobre uma Experiência de Extensão em PME's**: definições acadêmicas, estratégias gerenciais e decisões empreendedoras. *In*: EMPRAD - Encontro dos Programas de Pós-Graduação Profissionais em Administração, FEA/USP, 2022.

QUIJANO, A. Coloniality of Power and Eurocentrism in Latin America. **International Sociology**, v. 15, n. 2, p. 215-232, 2000.

SAMPAIO MARTINS, A. Autoeficácia vs. Estresse: como gerar estudantes mais comprometidos, com maior qualidade de vida e com sentimento de sucesso acadêmico? **Revista UFG**, v. 22, 2022. <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/73733>

SOUZA, I. *et al.* Cidadania Digital: a ética e a responsabilidade de estudantes universitários na Era Digital. **Revista Diálogos Interdisciplinares**, v.4, n. 20, dez.2025. <https://doi.org/10.55028/gepfp.v4i20.24286>

SPIVAK, G. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.